

A RELAÇÃO DO CRISTÃO COM A CRIAÇÃO À LUZ DA DISTINÇÃO LUTERANA ENTRE OS DOIS TIPOS DE JUSTIÇA

THE CHRISTIAN'S RELATIONSHIP WITH CREATION
IN LIGHT OF THE LUTHERAN DISTINCTION BETWEEN
THE TWO KINDS OF RIGHTEOUSNESS

Marcos Grinevald Falk¹

Francis Dietrich Hoffmann²

Resumo: O tema deste artigo é a relação do cristão com a criação de Deus, utilizando a distinção luterana entre os dois tipos de justiça como base do estudo. O objetivo deste trabalho é conscientizar os cristãos para o chamado de Deus para cuidar de toda a sua criação. A pergunta norteadora é a respeito do objeto da ação ativa do cristão na justiça *coram mundo*. A metodologia utilizada é qualitativa, com objetivos exploratórios. O procedimento técnico de investigação adotado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados indicam que, na justiça *coram mundo*, o cristão não focaliza apenas o seu próximo humano, mas toda a criação. Essa ação do cristão em direção à criação precisa ser vista à luz da inter-relação entre a criatura

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2021, Canoas, RS. Pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2023). Pastor em Tailândia, PA. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2023).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2008. Especialização em Habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS (2010). Mestrado Livre em Teologia Bíblica pelo Seminário (2016). Pós-graduado em Estudos do Novo Testamento, Unicesumar, Maringá, PR (2022). Doutorando em História da Exegese no Concordia Seminary, St. Louis, USA.

humana e as demais criaturas de Deus. Concluimos que abordar o assunto dentro desta perspectiva ajudará a compreender a responsabilidade humana em relação à criação e auxiliará também a manter uma teologia saudável. **Palavras-chave:** Cuidado com a criação. Justiça passiva. Justiça ativa. Inter-relação.

Abstract: The topic of this article is the Christian's relationship with God's creation, applying the Lutheran distinction between the two kinds of righteousness as the basis of the study. The objective of this article is to raise awareness and draw Christians attention to God's call to care for all His creation. The guiding question is on the object of the Christian's active action in justice *coram mundo*. The methodology used is qualitative, with exploratory objectives. The technical procedure of investigation adopted was bibliographic research. The results indicate that, in justice *coram mundo*, the Christian does not focus only on his human neighbor, but on all creation. This action of the Christian towards creation needs to be seen in the light of the interrelationship between the human creature and the other creatures of God. We conclude that addressing the subject from this perspective will help to understand human responsibility in relation to creation and will also help to maintain a healthy theology.

Keywords: Care for creation. Passive justice. Active justice. Interrelationship.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de uma inquietação pessoal desencadeada pela leitura do artigo “A proeminência da *parousia*”, do teólogo Jeffrey Gibbs.³ Neste artigo, Gibbs aborda o foco equivocado da esperança cristã, apontando que muitos cristãos cultivam a esperança de apenas “morrer e ir ao céu”, negligenciando as questões desta existência. A pergunta provocativa do autor, “Você está ouvindo os gemidos da criação?”, instigou-me a refletir sobre como os cristãos lidam com as questões ambientais.

Desde então, passei a observar e questionar alguns cristãos sobre o seu interesse no cuidado com a criação, notando que muitos não demonstram

3 Citado no artigo: GIBBS, Jeffrey A. A proeminência da Parousia. *Igreja Luterana*, v.65, n.1, 2006.

preocupação com o tema. Além disso, percebi que o cuidado com a criação é pouco abordado nos momentos de ensino da igreja (estudos, palestras, catequese, etc.).

Diante das preocupações ecológicas atuais, esta pesquisa se mostra relevante à medida que busca conscientizar os cristãos sobre o importante chamado que Deus faz a eles para cuidar de sua criação. Portanto, neste artigo, o objetivo é refletirmos sobre o papel do cristão em relação a toda criação à luz da distinção entre justiça *coram Deo* e *coram mundo*.

Partindo da percepção de que, ao falar a respeito da justiça *coram mundo*, há uma tendência de enfatizar excessivamente o cuidado com o próximo humano, negligenciando o cuidado com as outras criaturas de Deus, buscamos demonstrar que a ação do cristão precisa ser direcionada para as criaturas humanas e não humanas. Apresentamos também o argumento de que essa ação em relação a toda criação precisa estar conectada a uma compreensão correta da inter-relação entre as criaturas de Deus. Por fim, demonstramos que essa abordagem pode ser útil também para evitar outros equívocos teológicos, contribuindo para uma teologia saudável.

OS DOIS TIPOS DE JUSTIÇA

O reformador Martinho Lutero, com base em seus estudos na carta de Paulo aos Romanos, afirmou que as Escrituras mencionam dois tipos de justiças. A primeira é a justiça passiva, que é concedida aos pecadores como um presente. Esta é a justiça *coram Deo* (diante de Deus), onde Deus mesmo oferece o perdão e a justiça conquistados por Cristo, tornando os pecadores justos aos seus olhos (COOPER, 2015).

A segunda, denominada justiça ativa, é um produto da justiça passiva e se refere à maneira como os cristãos são chamados a viver uma vida de serviço e amor ao próximo. Esta segunda é a justiça *coram mundo* (diante do mundo), segundo a qual os pecadores, justificados por Cristo, atuam ativamente em suas tarefas centradas em Deus para o bem da criação (COOPER, 2015).

Essas duas justiças não podem ser separadas nem confundidas. A justiça passiva significa que o ser humano é considerado justo diante de Deus, sem obras ou méritos. A justiça ativa envolve a ação do cristão,

movida pela graça, na prática de boas obras, não para sua salvação, mas para a glória de Deus e o bem de toda a criação. A necessidade de distinguir os dois tipos de justiça exige que a justiça ativa do cristão nunca ouse assumir a base da justiça *coram Deo* (ARAND, BIERMANN, 2022, p.207).

A JUSTIÇA PASSIVA

No sermão sobre as duas espécies de justiça (*semo de duplici iustitia*, 1519), Lutero apresenta a distinção entre a justiça passiva e a ativa. Sobre a justiça passiva, ele afirma:

Ela provém de outra pessoa e é concedida de fora. É a justiça mediante Cristo que é justo e justifica pela fé, como diz 1 Coríntios 1.30: “o qual se tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação e redenção”. [...] Esta justiça, portanto é concedida aos homens no batismo, e, em toda época de verdadeira penitência, resulta que o ser humano pode gloriar-se, com toda confiança, gloriar-se em Cristo e dizer: É meu tudo o que é de Cristo: sua vitória, seus feitos, o que disse e sofreu, sua morte – como se eu próprio tivesse vencido, feito, dito, sofrido tais coisas e tivesse sido morto (LUTERO, 1984, p.66).

A justiça passiva é a justiça humana diante de Deus (*coram Deo*), que provém exclusivamente da ação de Deus em relação ao ser humano. Isso é evidente primeiramente na criação de Adão e Eva, onde Deus dá vida à sua criação sem qualquer participação da criatura. Esta postura passiva e receptiva persiste na obra redentora, pela qual Deus restaura suas criaturas, que estavam mortas em pecado, através da morte e ressurreição de seu Filho. O ser humano é totalmente dependente de Deus (ARAND, BIERMANN, 2022, p.205).

As Confissões Luteranas falam desta justiça passiva do cristão diante de Deus. No epítome III da Fórmula de Concórdia, os luteranos confessam:

Creemos, ensinamos e confessamos que nossa justiça diante de Deus consiste no fato de que Deus nos perdoa os pecados por pura graça, sem qualquer obra, mérito ou dignidade nossa no passado, no presente ou no futuro, e que ele nos dá e atribui a justiça da obediência de Cristo, justiça em razão da qual somos aceitos por Deus na graça e considerados justos (FC, Epítome III, 2021).

Tendo a justiça passiva como pressuposto, faremos uma análise mais aprofundada sobre a justiça ativa.

A JUSTIÇA ATIVA

O objetivo aqui é explorar a definição da justiça ativa do ser humano a fim de compreender a quem deve ser destinada a ação do ser humano. É uma ação que se limita apenas ao próximo humano ou engloba toda a criação?

No sermão sobre os dois tipos de justiça, Lutero fala sobre a origem da justiça ativa e como ela se manifesta na vida cristã. De acordo com ele:

A segunda justiça é a nossa e própria; não porque nós a operamos sozinhos, mas porque cooperamos com aquela primeira e alheia. Esta é aquela boa vivência de obras: Em primeiro lugar na mortificação da carne e na crucificação da concupiscência em si mesmo conforme Gálatas 5.24: “Mas os que são de Cristo, crucificaram sua carne, com paixões e concupiscências”. E em segundo lugar também no amor ao próximo; em terceiro, também na humildade e no temor a Deus, do que está repleto o apóstolo e toda a escritura [...] Essa segunda justiça é obra da justiça anterior, fruto e consequência da mesma [...] (LUTERO, 1984, p.68).

Ao examinar a definição de justiça ativa fornecida por Lutero, Felten (2020) propõe que Lutero parece estabelecer três diretrizes fundamentais que orientam a justiça ativa: a mortificação da carne/crucificação das concupiscências em relação a si mesmo, o amor ao próximo e a humildade/temor a Deus. A lei aqui age como guia, no entanto, o evangelho continua sendo a fonte das ações do cristão. A justiça ativa não pode ser entendida como uma justiça original, no sentido de dar origem a si mesma, pois ela é fruto da justiça passiva.

É importante destacar que na prática da justiça ativa, o ser humano não é independente. Nesse sentido, não é possível fazer a seguinte distinção: a justiça passiva é Deus agindo e na justiça ativa é o ser humano agindo sozinho. Pode-se compreender isso a partir do entendimento da santificação, à qual a justiça ativa está ligada, descrita por Harold Senkbeil como uma

vida receptiva, completamente dependente de receber Jesus sempre de novo, recepção essa que ocorre através dos meios da graça (WOODFORD, 2021, p.166). Isso vai ao encontro do que foi dito por Felten (2020) a respeito do evangelho como fonte das ações do cristão.

Expandindo a discussão sobre a vida santificada, Woodford (2021, p.173) oferece uma perspectiva esclarecedora. Ele não vê a santificação apenas como a expressão prática da fé do crente em Jesus, mas como a obra vivificante de Jesus em nós. Ele afirma:

A santificação, então, não é apenas a vida prática e as boas obras do crente para Jesus, mas sim a obra vivificante de Jesus para nós através de sua cruz e ressurreição. Lá Cristo está trabalhando em nós pela sua palavra e Espírito, dado para nós no Santo Batismo, para a boa consciência e o perdão dos pecados. Através dela, Deus santifica e torna santos os pecadores e o fruto resultante do Espírito (Gálatas 5.22-23) produziu em nós é para o bem do próximo e para a glória de Deus (Tradução nossa).

Portanto, compreendida dessa maneira, à luz da santificação como obra de Cristo no crente, a justiça ativa não pode ser desvinculada de Cristo e precisa sempre ser pensada de forma cristocêntrica. Pois é Cristo operando, através dos meios da graça, a mortificação da carne, o exercício do amor ao próximo e possibilitando o temor a Deus.

Agora, colocando o foco sobre a diretriz do amor ao próximo, Lutero o entende no sentido moral exterior e no sentido teológico interior. O amor no sentido exterior diz respeito às obras concretas que são feitas para o próximo, as quais podem ocorrer por diversos motivos e motivações; já o sentido interior corresponde ao estado de um cristão que é participante do amor divino e que age motivado por esse amor. Para Lutero, o amor é algo que vem de Deus e que Deus mesmo é em sua natureza (LEPPIN, SCHNEIDER-LUDORF, 2021, p.74).

Lutero escreve a respeito do amor e serviço cristão em diversas ocasiões. No entanto destacamos o seu escrito “Da liberdade cristã”, de 1520,⁴ onde ele mostra que a fé se manifesta através do amor e serviço

⁴ Lutero também tratou o assunto, em 1531, em seu comentário da carta aos Gálatas. Veja em Obras Seleccionadas, v.10.

ao próximo. De acordo com Lutero, um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos (LUTERO, 1968, p.11). Em suma, neste escrito, Lutero mostra que, ao mesmo tempo em que o cristão é livre em Cristo (justificação), ele é servo do próximo por meio do amor, ou seja, a fé é manifestada à medida que o crente não busca vantagem própria, mas se volta ao próximo para o servir em amor e boas obras.

Ao falar sobre a justiça ativa do crente, Lutero não fala diretamente sobre o agir em relação à criação não humana. Entretanto, percebe-se que Lutero trabalha esse aspecto quando comenta o primeiro artigo do credo apostólico ao dizer “creio que Deus criou a mim e todas as criaturas”. Ao confessar “e todas as criaturas”⁵ (*samt allen Kreaturen*), Lutero enfatiza uma relação contínua entre o ser humano e a criação. Retomaremos este ponto mais adiante.

A compreensão da justiça ativa tendo como foco toda a criação é abordada por teólogos luteranos contemporâneos. Ao falarem a respeito do cristão diante do mundo, Arand e Biermann descrevem o assunto em termos relacionais mais amplos:

“Deus nos criou como seres relacionais e os relacionamentos humanos ocorrem dentro de dois reinos ou arenas fundamentais: vivemos diante de Deus (*coram deo*) e diante do mundo (*coram mundo*). Esses reinos são habitados simultaneamente: vivemos na presença de Deus e ao mesmo tempo em comunidades uns com os outros, onde temos responsabilidade em relação a outras criaturas” (ARAND, BIERMANN, 2022, p.204).

Arand e Biermann (2020, p.206) argumentam que, ao mesmo tempo em que o cristão é totalmente receptivo à justiça de Cristo, sua relação com o mundo depende simultaneamente de cumprir as tarefas confiadas por Deus ao longo de sua jornada de vida para o bem da criação. Essas tarefas, dadas por Deus, visam o bem-estar da criação humana e não humana.

Furst (2018, p.69) oferece uma perspectiva significativa sobre a identidade criacional do ser humano. Ele descreve o ser humano *coram mundo*, enfatizando que somos criaturas com responsabilidades dentro da criação:

5 Catecismo Menor de Lutero.

Na relação horizontal *coram mundo* o ser humano tem um chamado para agir, servindo aos seus semelhantes e a todas as outras coisas criadas por Deus, tornando-se seu instrumento para preservar a criação e promover o seu bem-estar. Portanto, ser uma criatura humana perante a criação significa agir e realizar todas as obras preparadas pelo Criador para eles em direção à sua criação, servindo a Deus e uns aos outros como instrumentos para levar a vontade de Deus à sua criação (Tradução nossa).

Arand (2007) discute a relação do ser humano com as demais criaturas, destacando a justiça ativa e recuperando a doutrina da criação. Segundo ele, Deus designou Adão como seu colaborador em relação ao mundo que o cercava. Adão recebeu a tarefa de nomear os animais e, reconhecendo que não era bom para ele estar sozinho, Deus formou Eva para ser a auxiliadora de Adão. Criados um para o outro, eles foram atraídos mutuamente em uma união de dar e receber em amor mútuo. Deus lhes deu a tarefa de cultivar o jardim e criar cultura. Essa relação ainda permanece hoje, pois:

Ele (Deus) não quer que fiquemos ociosos em relação às nossas responsabilidades na vida familiar, na vida pública, na vida profissional e na vida da igreja. Através da nossa cooperação ativa, Deus entra nos assuntos humanos para manter e governar o mundo. Aqui no mundo, a nossa justiça não é passiva, mas ativa (ARAND, 2007. Tradução nossa).

Nesse sentido, Arand (2007) argumenta que não é possível viver diante de Deus isolado do próximo ou do mundo. Recebemos diariamente de Deus a vida e tudo o que é necessário para a sua manutenção, juntamente com os dons oferecidos pelos meios da graça. Ao mesmo tempo, é preciso cuidar dos outros, indo trabalhar, proporcionando abrigo e alimentação para a família, cuidando dos necessitados e do meio ambiente.

Portanto, percebe-se que o cuidado com toda a criação não foi o principal foco de Lutero ao discutir a justiça ativa. No entanto, ele aborda esse tema em seu catecismo, ao comentar o primeiro artigo do credo. Teólogos luteranos contemporâneos, baseando-se na teologia de Lutero, aprofundam a reflexão sobre o papel ativo do ser humano na justiça *coram mundo*. Com isso, conclui-se que a justiça ativa não se limita a uma ação destinada apenas ao próximo humano, mas se estende a toda a criação.

A INTER-RELAÇÃO DA CRIAÇÃO

A partir da concepção de que o homem, ao exercer sua justiça ativa (*coram mundo*), não tem diante de si os seus semelhantes humanos apenas, mas toda a criação, é preciso compreender quais os aspectos desta relação. Para esse fim, é necessário levar em conta a revelação divina como um todo, ou seja, criação, queda, redenção e a esperança escatológica.

Começando pela criação, segundo Raymann (2010, p.52), o ser humano faz parte da criação e é dependente dela, ele vive dentro de um contexto de interdependência com a criação. Esse aspecto da identidade criacional é fundamental para a compreensão da relação com a natureza, como diz Pelikan (1955, p.34):

Central à revelação do plano original de Deus para o homem está a doutrina de que o homem é uma criatura. A origem da existência humana não está nas mãos do homem, mas nas de Deus. E a existência para a qual o homem é chamado pelo ato criativo de Deus é uma existência *samt allen Kreaturen*⁶. Isso não significa apenas que Deus fez todas as criaturas, e o homem entre elas; significa, antes, que o homem, a criação, está no contexto da criação como tal, e que o homem foi feito para viver em afinidade com essa criação (Tradução nossa).

Ao confessarem que creem em “Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”, os cristãos não estão simplesmente reconhecendo Deus como o Criador, mas também confessando a sua identidade de criaturas de Deus (NAFZGER, 2022 p.159). Portanto, o ser humano compartilha uma condição de criatura com tudo na criação em virtude da verdade de que tudo foi criado por Deus. Por isso, o cuidado com a terra começa ao abraçar o vínculo de criatura com a terra e suas criaturas. A terra sofre quando o homem procura ser mais do que criatura (CTCR, 2010, p.31).

A respeito do papel da criatura humana na criação, Arand (2014, p.139) lembra que Adão foi criado à imagem e semelhança de Deus e recebeu a tarefa de zelar pela vida no planeta. Esse é o aspecto que distin-

⁶ Aqui Pelikan mantém o termo alemão, pois segundo ele o inglês “*and all creatures*” não é uma reprodução precisa nem do alemão “*samt*” nem do latim “*una cum*”, os quais enfatizam a continuidade do homem com toda a criação.

que o homem das outras criaturas. De acordo com Arand, pode-se dizer, em termos luteranos, que esta foi e continua a ser a primeira vocação do ser humano. Pois é a primeira comissão que Deus deu aos recém-criados Adão e Eva.

Em Gênesis 1.26-28, logo após a criação do homem, Deus lhe concede domínio sobre a criação. Segundo Arand (2014, p.139) não é preciso abandonar essa linguagem de domínio ou governo, mas é necessário compreendê-la de forma correta. Ter domínio sobre a criação, segundo Arand, acontece no seguinte sentido:

Não significa que tudo existe para usarmos como quisermos. Em vez disso, o domínio parece estar ligado à **imagem de Deus**. Por outras palavras, o nosso domínio deve reflectir o carácter e o domínio do próprio Deus sobre a criação – e, por extensão, o reinado do próprio Cristo sobre a criação. E quando Deus governa, é para o benefício dos governados. O Salmo 72 fornece um bom exemplo de que tudo floresce sob o governo de um rei justo (2014, p.139. Tradução e grifo nosso).

Como portador da imagem de Deus, o homem recebe o domínio – o privilégio e a responsabilidade de governar a criação. Mesmo que a noção de domínio tenha sido mal interpretada e aplicada, a humanidade deve interagir com a criação, pois o exercício do domínio é claramente parte da vontade de Deus para a humanidade. Deus incumbe o homem de governar e supervisionar o resto da criação – exercendo domínio (HYNEMAN, SHORE, 2013, p.16).

A palavra hebraica para domínio em Gênesis 1.26 é רָדָה (radah), que deve ser entendida em termos de cuidado, até mesmo de carinho, e não de exploração e malevolência. Feito a imagem de Deus, o ser humano deve procurar relacionar-se com a criação da mesma forma que Deus se relaciona com ele (HYNEMAN, SHORE, 2013, p.16).

Qualquer que seja o significado da imagem de Deus (Gênesis 1:28) (e tem havido muito debate sobre esta mesma questão), ela pelo menos distingue as criaturas humanas de Deus das Suas criaturas não-humanas. Ao contrário de todas as outras criaturas, incluindo os anjos, Deus fez Suas criaturas humanas terrestres à Sua própria imagem e semelhança. Homem e mulher juntos são feitos à imagem

e semelhança de Deus. A imagem de Deus não torna Adão e Eva divinos. Nem os torna algum tipo de ser imaterial e espiritual, em vez disso, a imagem de Deus marca essas criaturas específicas como seres humanos. A imagem de Deus estabelece uma relação especial entre eles e Deus. Os seres humanos conversam com Deus e Ele com eles. **A imagem de Deus os coloca num relacionamento de responsabilidade e prestação de contas para com Deus, também lhes confere um caráter especial e uma posição dentro da criação.** Como portadores da imagem, eles refletem algo de Deus para a criação mais ampla. “Nossa regra não é um convite ao domínio autônomo, uma vez que esta *imago Dei* impede pensarmos em nós mesmos como autônomos também (CTCR, 2010, p.40. Tradução e grifo nosso).

Ser criado à imagem de Deus é ser responsável com a terra e com toda a sua forma de vida, e isso não implica em liberdade autônoma e autocrática para usar os recursos para finalidades autodeterminadas. O homem é mordomo de Deus, responsável por sua criação, cuja primeira tarefa é assegurar a permanência e o equilíbrio da mesma (RAYMAN, 2010, p.53).

A inter-relação do homem e da natureza também é mostrada na tragédia da queda em pecado. Quando o relacionamento entre o Criador e a criatura humana é manchado pela desobediência de Adão e Eva, juntamente com eles, toda a criação foi amaldiçoada.

E a Adão disse: Por ter dado ouvidos à voz de sua mulher e comido da árvore que eu havia ordenado que não comesse, maldita é a terra por sua causa; em fadigas você obterá dela o sustento durante os dias de sua vida. Ela produzirá também espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva do campo. No suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, pois dela você foi formado; porque você é pó, e ao pó voltará (Gênesis 3.17-19, NAA, 2018).

A queda em pecado tem consequências sobre todas as outras criaturas. Como diz Lutero (2014, p.220), a terra, que é inocente e não cometeu pecado, é, no entanto, obrigada a suportar uma maldição e, como diz São Paulo em Romanos 8.20, “foi submetida à vaidade”. Essa maldição não permite que a terra produza as coisas boas que teria

produzido antes da queda. Agora produz plantas nocivas, ervas daninhas, urtigas, espinhos etc. A isso ainda se pode acrescentar os venenos, os vermes e coisas desse tipo. Tudo isso foi provocado pelo pecado. A terra é realmente inocente e produziria de bom grado os melhores produtos, mas é impedida pela maldição que foi colocada sobre o homem por causa do pecado.

O domínio que antes da queda em pecado era exercido de maneira correta e conforme a vontade do criador, após a desobediência foi distorcido.

Os seres humanos encontram-se agora exercendo um domínio muito diminuído e distorcido. Poderíamos dizer que perderam uma relação de trabalho harmoniosa com a Terra. Deus usa a terra, da qual Ele fez Suas criaturas humanas e sobre a qual Ele lhes deu domínio, para puni-las e reduzi-las ao pó. em vez de produzir voluntariamente os seus frutos, a terra resiste agora aos esforços humanos. Deus tornou difícil para os humanos receberem nutrição da terra. Após a criação e a Queda, a terra manifesta agora tanto a bênção como a maldição de Deus (CTCR, 2010, p.38. Tradução nossa).

Agora, os seres humanos precisam extrair seu sustento da terra de maneira forçada. Eles não conseguem mais exercer sua vocação em total sintonia com o plano divino. Eles perderam a noção de como exercer seu domínio de maneira eficaz. Além disso, devido à sua inclinação para o pecado, os seres humanos tendem a buscar apenas o seu próprio benefício. Para isso, eles exploram a criação e uns aos outros, ou seja, usam-nos apenas para seu próprio benefício e não para o bem do próximo. A terra de Deus e suas criaturas sofrem com o domínio reduzido e agora distorcido que os humanos continuam a exercer. Esta visão limitada muitas vezes tem consequências não intencionais que, ironicamente, vão contra o seu próprio bem-estar. Assim como a lei natural, que ainda está gravada no coração, mas que foi obscurecida e negada, o mesmo acontece com nosso conhecimento da criação de Deus (CTCR, 2010, p.38).

Da mesma forma que a queda em pecado teve impacto sobre toda a criação, a obra da redenção também tem. Deus inclui todas as suas criaturas na promessa da redenção e renovação. Ao vir resgatar suas criaturas humanas do pecado, Deus também vem resgatar, restaurar e renovar toda

a criação (NAFZGER, 2022, p.247). A salvação não é, portanto, apenas uma questão que envolve Deus e nós, ou eu e o próximo. Inclui toda a criação (ARAND, 2010, p.225).

A restauração da criação é um tema consistente nas Escrituras. Isaías fala a respeito de uma nova era, onde a harmonia será restaurada dentro da criação (Is 11). Oseias descreve a nova criação como uma inversão da maldição (Os 2.18-20). No Novo Testamento, Jesus sai para o deserto e está “com as feras” (Mc 1.13). No entanto, talvez o texto mais marcante sobre a renovação da criação seja Romanos 8. Paulo descreve como toda criação geme por causa da corrupção causada pelo pecado e anseia por ser libertada quando os filhos de Deus forem revelados, o que se dará na ocasião da volta de Cristo. A corrupção começou quando a criatura humana caiu em pecado, e assim a renovação da criação começa com restauração do ser humano (NAFZGER, 2022, p.247).

Sobre a ardente expectativa da criação, Arand diz:

[..] o anseio da criação pela sua renovação chama-nos não só a abraçar a bondade da criação, mas a abraçar o nosso lugar dentro dela e, assim, a chamar a cuidar dela. Chama-nos a ver que nós mesmos fazemos parte desta criação, inextricavelmente ligados e interligados com tudo na terra (ARAND, 2010, p.226. Tradução nossa).

Assim como Deus chamou os primeiros seres humanos para trabalharem com ele depois de haver criado a terra e todas as suas criaturas, da mesma forma agora ele restaura os seres humanos para essa tarefa novamente. Como filhos redimidos de Deus, os cristãos participam da obra de Deus. Isso acontece através da pregação do evangelho que introduz a nova criação e através do viver dentro da criação como mordomos responsáveis (NAFZGER, 2022, p.247).

Como novas criaturas ressuscitadas com Cristo, fomos libertos da necessidade de possuir a terra para o nosso auto engrandecimento e livres para recuperar o nosso lugar na criação como aqueles a quem Deus criou para viver numa relação única com ele e com os nossos semelhantes (ARAND, 2010, p.226. Tradução nossa).

IMPLICAÇÕES PARA UM TEOLOGIA CONSISTENTE

Ao explorarmos a relação do cristão com a criação, à luz da lente teológica dos dois tipos de justiça, percebemos que, em sua ação ativa (*coram mundo*), o cristão age visando o bem do próximo humano e não humano. A justiça ativa faz o cristão cuidar da natureza criada por Deus. A partir disso, entendemos que essa abordagem mais ampla da justiça ativa pode contribuir para manter uma boa teologia, principalmente nas doutrinas da criação e da escatologia.

O primeiro aspecto que pode ser mais bem compreendido, à luz desta abordagem, é o domínio sobre a criação, o qual muitas vezes é usado para justificar um governo despótico e opressor, o que gera um uso desenfreado e sem cuidado com a natureza, reduzindo a criação não humana a algo vil e sem importância (NELSON, 2007). Como já foi tratado anteriormente, o domínio que Deus dá ao ser humano não é no sentido ruim do termo. É uma relação de cuidado.

Há também, em meio aos cristãos, uma confusão no entendimento da esperança escatológica. Pois, geralmente, o cristão cultiva a ideia de que a esperança é apenas morrer e ir para o céu. Nelson (2017) chama a atenção para essa crítica feita pelos não cristãos: “O cristianismo só está preocupado com o fato de as pessoas chegarem ao céu. Os cristãos não se importam com a terra porque ela é temporária, sem importância e desconectada dos seus ensinamentos sobre a salvação”.

Sobre a esperança cristã, Gibbs (2006, p.28) afirma que a igreja precisa restaurar um equilíbrio quando se trata da esperança para o futuro. Para Gibbs, o problema consiste na esperança cristã que é cultivada apenas em perspectiva vertical, como se o maior objetivo do crente fosse ir para cima, deixando de lado seu corpo. A ideia de que se é apenas um estrangeiro aqui, e o céu é o lar verdadeiro. O objetivo é passar pela vida terrena e ir “para cima”. Esse pensamento, de fato, pode gerar o seguinte questionamento: “Se aqui é temporário, por que nos preocupar com a natureza?” Talvez cantar “Estamos no mundo, mas dele não somos, aqui nós vivemos distante do lar” (HL, 389), entre outras coisas, ajude a confundir e a enraizar a ideia de “precisamos escapar desse lugar horrível”. Gibbs (2006, p.39) responde a isso nos seguintes termos:

Mas permita-me dizer, de uma forma um tanto provocativa, que meu lar – e seu – não é “lá em cima”. Nosso lar é bem aqui! Somos criaturas, parte da criação. Mas nosso lar foi arruinado pelo pecado e nós ajudamos a arruiná-lo. No entanto, Deus não deixa Sua criação permanecer arruinada. Ele não decidiu simplesmente nos levar para cima. Ele veio cá para baixo, tornou-se parte da criação, nascido de mulher, nascido sob a lei. Ele veio e nos salvou e virá novamente, para salvar.

Nerbas (2017, p.20) diz que Deus nos colocou neste mundo para vivermos aqui, e ainda que esteja marcado pelo pecado, esta é a nossa casa, aqui Deus nos fez e colocou para viver em comunhão com as demais criaturas. Não estamos aqui somente de passagem, mas somos parte da criação e coroa dela, fomos feitos para cuidar desta casa e daqueles que moram conosco.

Também lembrando a encarnação de Cristo, Nerbas (2017, p.21) afirma:

Essa é a casa em que Deus fez morada quando se fez um de nós em Jesus Cristo. Pertencemos a este mundo que Deus tanto amou a ponto de dar seu único filho em resgate. E Deus criou o ser humano para viver eternamente nesta casa, sob a bênção e cuidado dele. A morte sempre põe um fim nisto, ela sempre nos arranca de casa.

Ainda dentro do contexto da escatologia, uma reação muito frequente de alguns cristãos à questão da responsabilidade de cuidar da criação é: “Quem se importa? Tudo vai queimar de qualquer maneira. Por que é preciso se preocupar com o planeta?” Esse mau pensamento é muitas vezes fruto da má interpretação de 2Pedro 3.10: “Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão. Naquele dia os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nela existem desaparecerão” (NAA, 2018).

Então, de acordo com o apóstolo Pedro, a presente criação será aniquilada na sua substância e substituída por uma realidade fundamentalmente diferente sem terra firme e sem espaço? Não, pois assim como a criação pré-diluviana foi destruída, mas não aniquilada, assim a presente criação será destruída por fogo, mas não obliterada. O adjetivo “novo” (kainos)

significa “novo em qualidade”, não “novo” no sentido de *novel ex nihilo* (RAABE, 2016, p.9-10).

Hyneman e Shore (2013, p.23) dizem que uma leitura cuidadosa deste texto vai indicar que Pedro não está falando sobre a destruição total de todos os elementos físicos, mas dos elementos do mal. Relacionando também com o dilúvio, os autores argumentam que naquele evento a vida humana perversa foi destruída, mas o planeta e seus sistemas resistiram, e talvez Pedro esteja se referindo ao mesmo tipo de destruição no futuro.

E mesmo que se assuma que Pedro possa ser interpretado de maneira a defender a aniquilação de toda a criação, mesmo assim seria totalmente errado dizer que a humanidade pode fazer o que quiser com o planeta, como enfatizam Hyneman e Shore (2013, p.24), os propósitos para a sua criação não mudaram. Nós ainda temos a responsabilidade de administrar e cuidar da criação. Em nenhum lugar das Escrituras esse papel é revogado, independentemente de a terra ser destruída ou não.

CONSIDERAÇÕES

Através desta pesquisa, buscamos compreender qual deve ser a correta relação do cristão com a criação de Deus. Para isso, usamos as lentes teológicas da distinção dos dois tipos de justiça. Esta distinção auxilia na compreensão do relacionamento do cristão com Deus e com o mundo. Diante de Deus, o cristão é passivo, ou seja, recebe tudo de Deus como dádiva; ele é tornado justo por causa da justiça de Cristo que lhe é imputada por meio da fé. Esta justiça de Cristo atribuída ao cristão produz a justiça ativa, que o leva a fazer boas obras para a glória de Deus e o bem do próximo. Esta justiça ativa precisa ser compreendida de forma cristocêntrica, pois é o próprio Cristo que está em ação no cristão, trabalhando a mortificação da carne, produzindo o amor ao próximo e o temor a Deus.

A partir da percepção de uma ênfase unilateral na ação cristã na justiça ativa, buscou-se responder a seguinte questão: Na justiça ativa, quem é o alvo da ação do cristão? Somente o próximo humano ou toda a criação? Analisando os escritos de Lutero sobre os dois tipos de justiça, percebeu-se que ele não trata diretamente do cuidado com toda a criação. Talvez, uma possível explicação seja o fato de os escritos do reformador

estarem focados em temas teológicos centrais no contexto da reforma, tais como justificação pela fé, as boas obras, eclesiologia, etc. No entanto, percebeu-se que o assunto é abordado por Lutero em sua explicação do primeiro artigo do Credo Apostólico. Ali, Lutero enfatiza que o ser humano é uma criatura que está em uma inter-relação com as demais criaturas.

Contudo, mesmo que Lutero não tenha abordado o cuidado com toda a criação, quando fala da justiça ativa do cristão, teólogos luteranos contemporâneos defendem que o cristão é ativo em relação ao seu próximo humano, e em relação às criaturas não humanas. O que responde à questão aqui levantada sobre o foco da ação do cristão na justiça ativa. O cristão, como criatura de Deus, recriado em Cristo, é colocado em uma relação ativa diante de toda a criação. Todos os seres humanos, as plantas, os animais, a terra etc., são alvos do amor do cristão.

Essa ação do cristão em relação à criação se mostra na inter-relação do homem com a natureza. Também se manifesta em toda a revelação bíblica, começando pela criação, seguindo na queda em pecado e, por conseguinte, na redenção e restauração futura. Portanto, o cuidado com a criação, trabalhado à luz da distinção das duas justiças, ajuda na compreensão de que o cristão tem responsabilidade em relação à natureza e, ao mesmo tempo, auxilia a manter uma boa teologia bíblica. Deus quer, através de seus filhos restaurados, cuidar de sua criação. Uma criação que sofre com as consequências do pecado, mas que aguarda ansiosa pelo dia de sua restauração completa, juntamente com todos os cristãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, David; ARAND, Charles P., 2018. *A Few Reflections on Creation in Genesis 1*. Disponível em: <<https://concordiatheology.org/2018/03/a-few-reflections-on-creation-in-genesis-1/>>. Acesso em: 13 nov.2023.

ARAND, Charles P., 2007. *Get a Life – A human life!* Disponível em: <<https://witness.lcms.org/2007/get-a-life-a-human-life-5-2007/>>. Acesso em: 12 nov.2023.

_____. Back to the Beginning Creation Shapes the Entire Story. *Concordia Journal*, St. Louis, v.40, n.2, 2014.

_____. Caring for God's Groaning Earth. *Concordia Journal*, St. Louis, v.36, n.3, 2010.

ARAND, Charles P. e BIERMANN, Joel. Por que dois tipos de justiça? Trad. Alan D. Furst. *Revista Igreja Luterana*, Porto Alegre, v.83, n.2, p.201-226, 2022.

LCMS COMMISSION ON THEOLOGY AND CHURCH RELATIONS (CTCR), 2010. *Together with all creatures: Caring for God's living earth*. Disponível em: <<https://concordiatheology.org/concordia/lib/resources/bible-study/together-with-all-creatures-expanded.pdf>>. Acesso em: 3 abr.2024.

COOPER, Jordan B. *Two Kinds of Righteousness*. Introduction to Christian Doctrine 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-PCE5CGau6c&t=1049s&ab_channel=Dr.JordanBCooper>. Acesso em: 10 nov.2023.

FELTEN, George C., 2020. *Os dois tipos de justiça, reinos e regimes em Lutero: A dinâmica de Lei e Evangelho a partir do artigo V da Fórmula de Concórdia*. Disponível em: <<https://protestanteonline.wordpress.com/2020/07/14/os-dois-tipos-de-justica-reinos-e-regimes-em-lutero-a-dinamica-de-lei-e-evangelho-a-partir-do-artigo-v-da-formula-de-concordia/>>. Acesso em: 10 nov.2023.

FÓRMULA DE CONCÓRDIA (FC). In.: *Livro de Concórdia – As Confissões da Igreja Luterana*. Trad. Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

FURST, Alan. *Leonardo Boff's Social-Environmental Ecology Exposition, Analysis, and Appropriation for Lutheran Theology*. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes). Concordia Seminary St. Louis, St. Louis, 2024.

HINÁRIO LUTERANO. *Estamos no mundo, mas dele não somos – Hino 389*. Comissão de Culto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Org.).

WACHHOLZ, Nilo (Ed.). Porto Alegre: Concórdia, 2016.

HYNERMAN, Jared; SHORE, Christopher, 2013. *Why are we Stewards of Creation? World Vision's Biblical Understanding of How We Relate to Creation*. Disponível em: <<https://www.wvi.org/publication/world-vision%E2%80%99s-biblical-understanding-how-we-relate-creation>>. Acesso em: 3 abr.2024.

GIBBS, Jeffrey A. A proeminência da Parousia. *Igreja Luterana*, v.65, n.1, p.28-43, 2006.

LUTERO, Martinho. *Da liberdade Cristã*. Trad. Leonidas Boutin e Heinz Soboll. São Leopoldo: Sinodal, 1968.

_____. *Pelo Evangelho de Cristo*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984.

PELIKAN, Jaroslav. The Doctrine of Creation in Lutheran Confessional Theology. *Concordia Theological Monthly*, v.26, n.8, p.569-579, agosto 1955.

RAYMANN, Acir. Somos responsáveis pelo equilíbrio da criação de Deus. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). *Vida e morte da natureza e do ser humano*. Canoas: ULBRA, 2010.

NAFZGER, Samuel H. et al. (Eds.). *Confessando o Evangelho: Uma abordagem Luterana da Teologia Sistemática*, v.1. Trad. Rudi Zimmer. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

NELSON, Mateus, 2007. *Is god Green?* Disponível em: <<https://witness.lcms.org/2007/is-god-green-5-2007>>. Acesso em: 23 out.2023.

NERBAS, Rafael J. Finados: Dia de lembrar as palavras finais do Credo Apostólico. *Mensageiro Luterano*, Porto Alegre, ano 100, n.1.230, p.19-22, nov.2017.

RAABE, Paul R. Papai, os animais vão estar no céu? A futura nova terra. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, v.75, n.1, p.7-23, 2016.

WOODFORD, Lucas V. Christ (and His Virtues) in Action: Sanctification as a Platform for Virtue Ethics. In: PAULS, Timothy J.; PIERSON, Mark A. (Eds.). *Talse Courage*. Edição do Kindle. Irvine: New Reformation Publications, 2021.